

Teologia Sistemática de Morton Smith

Dr. W. Gary Crampton

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto / felipe@monergismo.com

O Dr. Morton H. Smith é professor de teologia sistemática no Seminário Teológico Presbiteriano Greenville, em Greenville, Carolina do Sul. O Dr. Smith não é nenhum novato no estudo de teologia. Ele recebeu sua educação nas Escrituras desde a tenra idade por parte dos seus pais, que eram Presbiterianos. Dr. Smith adquiriu seu B.D. no Seminário Teológico Columbia em Decatur, Geórgia, e recebeu seu Ph.D. sob G. C. Berkouwer na Universidade Livre de Amsterdã. Sua dissertação sobre a teologia Presbiteriana do Sul foi mais tarde publicada na forma de livro.¹ Após um breve pastorado, Dr. Smith foi chamado para presidir o Departamento da Bíblia do *Belhaven College*, Jackson, Mississippi, onde ele mais tarde se tornou o professor fundador do Seminário Teológico Reformado. Após 15 anos Smith foi nomeado Secretário Executivo da Assembléia Geral da Igreja Presbiteriana na América, onde ele serviu por 16 anos. Ele então continuou para se tornar o professor fundador do Seminário Teológico Presbiteriano Greenville.

Morton Smith tem instruído muitos jovens que têm entrado no ministério. O presente revisor já ouviu mais do que uns poucos ex-estudantes que lhe disseram quão gratos eles são ao Dr. Smith pelos anos em que estiveram sob a instrução dele. Este revisor também tem se beneficiado com o ensino do Dr. Smith, através de conversações pessoais, estudo das suas palestras em áudio, e da leitura de suas obras. Morton Smith é um homem humilde de Deus que tem sido aplaudido por muito do seu ensino, tais como (para citar apenas alguns): sua denúncia do Catolicismo Romano, sua aderência ao criacionismo de seis dias, sua visão bíblica sobre a justificação pela graça através da fé somente e sua forte posição sobre a cessação dos dons revelatórios.

Isto posto, contudo, existem críticas a serem divulgadas. Embora seus dois volumes de *Teologia Sistemática* sejam úteis de várias formas, há alguns erros sérios que devem ser apontados. Este revisor tentará tratar com estes defeitos.

Método

No segundo capítulo, “O Método da Teologia Sistemática”, o Dr. Smith reivindica que “os não-cristãos mantêm que o homem raciocina com univocidade” e os cristãos “mantêm que todo raciocínio humano é análogo” (I:25). Aqui o autor revela a influência de Cornelius Van Til sobre seu pensamento. Van Til, que é citado frequentemente por todo estes dois volumes,

¹ *Studies in Southern Presbyterian Theology* (Presbyterian and Reformed Publishing Company, 1962).

é bem conhecido por sua forte negação de que os pensamentos do homem e os pensamentos de Deus coincidem em algum ponto. Visto que Deus é onisciente, conhecendo toda a verdade, se o homem não pode pensar os pensamentos de Deus conforme ele, então o homem nunca pode conhecer a verdade. O ceticismo é o resultado. A despeito de quão frequentemente isto tem sido apontado, os Vantilianos continuam cometendo este erro fatal. ²

Então há a visão defeituosa que o Dr. Smith tem da lógica, também devido à influência de Van Til. Ele escreve: “Para o não-cristão, a lei da contradição é um princípio da lógica que permanece tanto acima de Deus como do homem. Isto significa que Deus e o homem são correlativos. Deus e o homem estão debaixo do mesmo sistema de lógica, que é mais alto que ambos e existe independentemente de ambos... Para o cristão, por outro lado, Deus existe antes do tempo e das leis da lógica. A lei da contradição é uma parte do mundo criado temporal... O cristão pode e usa a lei da contradição para tratar logicamente com os fatos do mundo temporal, mas ele não a usa para dizer o que pode ou não pode ser verdadeiro sobre o próprio Deus” (I: 25, 26).

Contrário à visão do Dr. Smith, a Bíblia ensina que Cristo é a Lógica de Deus (*João* 1:1ss.; o grego *logos* é a palavra a partir da qual a palavra “lógica” é derivada). ³ Além do mais, visto que Cristo, o *Logos*, é aquele que “ilumina a todo homem que vem ao mundo” (*João* 1:9), é evidente que a lógica de Deus e a lógica do homem é a mesma lógica. Não há distinção entre a lógica divina e a “mera lógica humana”. A lógica não está acima de Deus, e nem ela é uma criação temporal. João escreve que a lógica é Deus. Se a lógica fosse uma criação, como afirmado por Van Til e Smith, então Deus deveria ser outra coisa que não lógico. Como Agostinho e Clark apontaram há muito tempo atrás, visto que Deus é eterno e onisciente, ele deve ser eternamente racional, isto é, eternamente lógico. As leis da lógica, então, são a forma como Deus pensa. E se haveremos de pensar de uma forma que agrade a Deus, teremos que pensar como o *Logos* pensa: logicamente.

Revelação

Recomendavelmente, seguindo a *Confissão de Fé de Westminster*, o Dr. Smith começa seu estudo de sistemática com o estudo da revelação. Ele não começa com “Deus” somente. A Escritura define Deus para nós. Então também, Smith é um forte advogado da inerrância. Mas em seu estudo da revelação geral, o autor implicitamente nega o princípio do *sola Scriptura* quando ele mantém que um

² Para crédito seu, o Dr. Smith tenta tratar com este assunto. Mas o resultado é muito confuso: “Nesta conexão, deveria ser observado que falamos de conhecimento humano como análogo. Isto é perfeitamente apropriado, quando usamos o termo corretamente. Ele não deveria ser usado para dizer que o objeto do nosso conhecimento é uma analogia da Verdade. Nosso conhecimento é análogo, ou segundo a semelhança do conhecimento de Deus, mas o objeto do nosso conhecimento não é análogo. Nosso conhecimento é análogo, mas não é uma analogia de Deus que conhecemos. Nós conhecemos o Deus vivo e verdadeiro” (I: 100). Isto é muito confuso. Como o conhecimento do que conhecemos pode ser diferente do que conhecemos? Certamente o Dr. Smith não quer dizer que a nossa forma de conhecimento é análoga à forma de conhecimento de Deus. Nós aprendemos; ele não. O que ele quer dizer é obscuro.

³ Muitos cristãos são ofendidos quando nos referimos a Cristo como a Lógica de Deus; todavia, isto é precisamente o que João diz. Ver G. H. Clark, *The Johannine Logos*.

estudo do universo nos dá a verdade. Ele escreve: “A mente humana foi criada com a capacidade para o conhecimento e é, assim, capaz de descobrir a verdade na revelação contida no mundo... Em outras palavras, o homem tem a capacidade de chegar à verdade à medida que ele estuda o universo que Deus criou... Deus colocou a verdade para ser aprendida nos fatos do universo” (I: 34, 35). Não é estranho que aqueles que atacam a “mera lógica humana” também insistem que o homem natural pode descobrir a verdade na natureza?

Onde, perguntamos, encontramos “fatos” ou verdades no universo? Como determina-se se eles são verdadeiros? O autor pretende que creiamos que a disciplina sempre-mutante da ciência nos dá a verdade? Sim, ele faz isso; mais tarde, numa seção do volume, lemos: “Embora a Bíblia não seja um livro-texto de ciência, sendo a Palavra de Deus, ela deve falar verdadeiramente quando fala sobre qualquer assunto, incluindo assuntos estudados na ciência... Visto que Deus é a verdade, e toda verdade vem por meio dele, quer na Palavra escrita, quer no universo criado, toda verdade deve estar ultimamente de acordo com ela. Em outras palavras, não há nenhuma razão real para algum conflito entre a Bíblia e a ciência... ” (I: 179). E novamente: “Além disto, isto não é dizer que aprendemos fora da Bíblia, pois toda a esfera da revelação geral é em si mesma a revelação de Deus, e reflete sua verdade também... Nós devemos reconhecer que a mente não-cristã descobre muito que reconhecemos ser verdade, não sobre a base deles, mas sobre a nossa. Isto não é menos verdadeiro no campo da psicologia do que no campo da química ou física” (I:244).

Desafortunadamente, o Dr. Smith adota a teoria muito prevalecente da “dupla-fonte” da verdade, na qual é afirmado que a ciência, história e a psicologia fornecem aos homens verdades em adição à Palavra de Deus.⁴ Isto contradiz as muitas declarações na Escritura de que a sabedoria do mundo é loucura. A Bíblia reivindica ter um monopólio sobre a verdade: “Tua Palavra é a verdade” (*João 17:17*). Como a *Confissão de Fé de Westminster* diz: “Todo o conselho de Deus concernente a todas as coisas [note o universal “todas as coisas”] necessárias para a glória dele e para a salvação, fé e vida do homem, ou é expressamente declarado na Escritura ou pode ser lógica e claramente deduzido dela. À Escritura nada [incluindo ciência, história e psicologia] se acrescentará em tempo algum” (1:6).

Quanto ao o que Smith quer dizer quando ele declara que “a Bíblia não é um livro-texto de ciência”, este revisor não está certo. Se ele quer dizer que a Bíblia não é exclusivamente sobre ciência, então, certamente, ele está certo. Mas se ele quer dizer que a Bíblia não é “a autoridade” e o único livro-texto genuíno sobre ciência, então ele está errado. Em *2Timóteo 3:16-17*, Paulo nos diz que a Bíblia é o único livro-texto verdadeiro sobre qualquer assunto, e todos os outros livros-textos devem se conformar a ela. Quanto à declaração do autor de que nunca há um conflito entre a Bíblia e a ciência, ele está correto, embora por uma razão diferente da qual ele afirma. A razão de não haver tal conflito é que a Bíblia é a única fonte de verdade, e a ciência nunca nos dá a verdade. Como Gordon Clark apontou em *The Philosophy of Science and Belief in God* [A Filosofia da Ciência

⁴ Tristemente, o presente revisor já foi um aderente desta teoria da “dupla-fonte”, como encontrado em meu livro *The Bible: God’s Word* (Journey Publications, 1989). Foi logo após a publicação deste livro que vi o sério erro desta visão.

e a Crença em Deus], a ciência é não-cognitiva. Por conseguinte, um conflito não é possível.⁵

Fé Salvífica e Misticismo

A linha irracional do teólogo de Greenville é evidente nas seguintes declarações com respeito à soteriologia: “Como já temos visto, a fé salvífica envolve mais do que a aceitação de uma proposição. Ela envolve uma relação de amor e comunhão entre duas pessoas... A fé *em sua essência* é uma relação de pessoas, *não* uma aceitação de proposições. Ela envolve proposições, mas *sua essência* é um relacionamento de união e comunhão de amor” (II:452, 497) (ênfase adicionada).

Smith não é neo-ortodoxo nem liberal, mas esta é a linguagem da neo-ortodoxia e do liberalismo. Smith até mesmo chama sua visão de “Um Misticismo Cristão Apropriado” (II: 496). Smith cria uma dicotomia entre Cristo e sua Palavra. O apóstolo João, por outro lado, nos ensina que Cristo é a Palavra: “No princípio era o *Logos*, e o *Logos* estava com Deus, e o *Logos* era Deus” (1:1), e que suas palavras são “Espírito e vida” (6:63).

A “essência” da fé salvífica não é um relacionamento pessoal com Cristo (Maria certamente teve um “relacionamento pessoal” com Jesus, mas isso não serviu de um substituto para ela. Jesus enfatizou somente a Palavra: “Minha mãe e meus irmãos são aqueles que ouvem a palavra de Deus e a praticam”), a menos que alguém queira dizer por este clichê que há uma comunicação de mentes entre Cristo e o eleito: “nós temos a mente de Cristo” (*1Coríntios* 2:16). Mas os místicos distinguem entre pessoas e idéias. Não há nenhum lugar na Escritura onde os pecadores são urgidos a terem um relacionamento pessoal com Cristo; o mandamento é assentir às proposições da Escritura: “Crê no Senhor Jesus Cristo, e serás salvo”. Não há nada místico nisto.⁶

As Provas Teístas

Então, há a visão do Dr. Smith das “provas teístas” (I: 121-125). Elas são válidas? Sim e não, somos informados. Elas são válidas se alguém formula as “provas” sobre a base da proposição da existência de Deus; de outra forma, elas não são. (Sim, isto é o que o autor diz). Certamente, se o cristão está formulando seus argumentos sobre a base da existência de Deus, então não existe definitivamente nenhuma prova e nenhum propósito em se construir provas: a pessoa já assume a existência de Deus. É tautológico afirmar que a existência de Deus implica na existência de Deus.

⁵ Estranhamente, Dr. Smith afirma que o “empirismo resulta em ceticismo” (I: 34). Como então ele pode ser algo, senão cético, sobre o estudo da ciência e da teologia natural? O Dr. Smith num certo ponto diz “o que aprendemos da revelação geral vem somente à medida que o vemos à luz da Bíblia” (I:36). Contudo, este sendo o caso, estamos aprendendo a partir da Escritura, não a partir do universo.

⁶ Para mais sobre este assunto, ver *Faith and Saving Faith* e *The Johannine Logos* de Clark.

Outro erro crasso é encontrado na seção sobre os atributos de Deus. O Dr. Smith deseja atribuir atributos “emotivos” ao Deus triúno da Escritura (I: 141-146). Tristemente, outros teólogos têm feito o mesmo. Mas visto que as emoções vêm e vão, isto é, elas são estados involuntários, temporais e mentais acompanhados por vacilações corporais, é óbvio que o Deus imutável da Escritura não se emociona e nem pode se emocionar. Na melhor das hipóteses, atribuir emoções a Deus é um uso descuidado de linguagem. A Confissão de Fé de *Westminster* corretamente declara que o Deus da Escritura é “um espírito puríssimo, invisível, sem corpo, membros ou *paixões*” (2:1).

Homem

Nesta seção sobre antropologia, o Dr. Smith alega, incrivelmente, que o corpo do homem é parte da imagem de Deus. Certamente, esta não é a visão de Calvino, nem da *Confissão de Westminster*. Todavia, Smith escreve: “Visto que o homem é a imagem de Deus, espera-se que ele seja racional, que ele tenha uma vontade, liberdade, personalidade, etc., correspondendo àqueles atributos de Deus. O mesmo pode ser dito até mesmo do corpo. O homem tem um corpo porque ele é a imagem de Deus” (I: 238). Isto é muito ruim. Mas o argumento suportando esta afirmação agrava ainda mais o erro: “Deus vê e ouve, e o homem, que é a sua imagem, também vê e ouve, mas ele deve ter órgãos com os quais faça isso” (I: 238).

O Dr. Smith não é um materialista nem um mórmon, mas esta é a linguagem do materialismo e do mormonismo. Como Agostinho e Clark apontaram, não é verdade que o homem precisa de órgãos para “ver e ouvir”. De fato, ele não vê e ouve com os órgãos corporais de forma alguma; é a pessoa, isto é, a mente ou espírito, que vê e ouve.⁷ Se os argumentos de Smith estivessem corretos, então os anjos não veriam e ouviriam; nem poderiam os santos no estado intermediário fazer isso. Todavia, a Bíblia nos diz que eles vêem e ouvem. Além do mais, Moisés viu e ouviu Cristo sobre o Monte da Transfiguração, embora seus olhos e ouvidos já estivessem na sepultura por volta de 1500 anos. O corpo do homem não é a imagem de Deus; é o espírito, ou alma, ou mente que é a imagem. Se o corpo fosse a imagem, ou qualquer parte da imagem, então os animais seriam a imagem de Deus. Além do mais, se por “ver” e “ouvir” Smith quer dizer ter imagens, retinas e tímpanos vibratórios, então Deus não vê nem ouve.

Deus e Pecado

Novamente, em sua análise de antropologia, tratando com a questão do pecado original, o Dr. Smith, como muitos outros teólogos, é relutante em dizer que Deus é a causa do pecado no mundo. Ele admite plenamente que “Deus ordenou que o pecado deveria acontecer em primeiro lugar” (I: 294). Mas quando chega à questão do “Pecado como Originado no Mundo Criado”, ele recua. Com respeito à queda de Satanás, Smith escreve: “Como uma criatura que foi criada santa e boa, e que habitava na presença de Deus, pôde se voltar para o pecado é

⁷ Veja Gordon H. Clark, *Lord God of Truth*, e Aurelius Augustine, *Concerning the Teacher* (The Trinity Foundation, 1994).

algo que não é explicado. Tudo o que sabemos é que isso aconteceu. Neste ponto, tudo o que podemos dizer é reconhecer o mistério da origem do mal” (I: 295). Mas a Escritura é muito clara: Deus é a causa do mal no mundo. Em *Isaías* 45:7, por exemplo, lemos: “Eu [Deus] formo a luz e crio as trevas; faço a paz e crio o mal; eu, o SENHOR, faço todas estas coisas”.

Esta é certamente a visão dos teólogos de Westminster. Como explicado na *Confissão* (5:2,4): “Posto que, em relação à presciência e ao decreto de Deus, que é a causa primária, todas as coisas acontecem imutável e infalivelmente, contudo, pela mesma providência, Deus ordena que elas sucedam conforme a natureza das causas secundárias, necessárias, livre ou contingentemente... A onipotência, a sabedoria inescrutável e a infinita bondade de Deus, de tal maneira se manifestam na sua providência, que esta se estende até a primeira queda e a todos os outros pecados dos anjos e dos homens, e isto não por uma mera permissão, mas por uma permissão tal que, para os seus próprios e santos desígnios, sábia e poderosamente os limita, e regula e governa em uma múltipla dispensação mas essa permissão é tal, que a pecaminosidade dessas transgressões procede tão somente da criatura e não de Deus, que, sendo santíssimo e justíssimo, não pode ser o autor do pecado nem pode aprová-lo”. Entre as passagens da Escritura fornecidas para apoiar a forte posição calvinista do determinismo divino, os teólogos de Westminster citam *2Samuel* 24:1; *1Crônicas* 21:1; *1Reis* 22:22; *2Samuel* 16:10; *Atos* 2:23 e *Atos* 4:27. O leitor é encorajado a estudar estas passagens e perguntar para si mesmo: “Onde está o mistério?”. Deus é a primeira causa de todas as coisas, incluindo “todos os pecados dos anjos e dos homens”.

Cristo

O teólogo de Greenville também se confunde em sua doutrina de Cristo. Em concordância com o credo calcedônio, ele sustenta a visão tradicional de que Jesus Cristo é uma pessoa com duas naturezas (uma divina e outra humana). Ele escreve: “Não há duas personalidades em Cristo, mas duas naturezas em uma pessoa” (I:361). Também, ele mantém que quanto à sua natureza humana, “Cristo era verdadeiramente homem” (I: 358). Mas então Smith adiciona: “Foi a pessoa divina quem assumiu uma natureza humana impessoal. Em outras palavras, ele não se uniu com uma pessoa humana, mas com uma natureza humana” (I: 361). Alguém se pergunta como Cristo pode ser considerado “verdadeiro homem” – semelhante a nós em tudo, menos no pecado – e não ser uma pessoa humana. Este é um problema que tem atormentado a posição tradicional por séculos.

É também complicado quando lemos a declaração de Smith de que “a pessoa de Cristo pode ser descrita como *theanthropic*, mas não suas naturezas” (I: 360), um pouco antes da sua alegação de que “foi a pessoa divina quem assumiu uma natureza humana impessoal”. Como é possível para a Segunda Pessoa da Deidade, que é imutável, se tornar “*theanthropic*”? Isto é muito confuso. Para soluções racionais destes problemas, a pessoa deve ler o último livro que Gordon Clark escreveu: *The Incarnation* [A Encarnação].

Os Decretos de Deus

Finalmente, até onde esta revisão diz respeito, há um problema com respeito à ordem lógica dos decretos de Deus. O autor corretamente mantém que as duas visões principais sustentadas pelos teólogos reformados através dos anos tem sido o supralapsarianismo e o infralapsarianismo. A primeira sustenta que Deus logicamente (não temporalmente) decretou eleger e reprovar antes do seu decreto de produzir a queda do homem. A última visão ensina o reverso, isto é, que o decreto de produzir a Queda precede logicamente o decreto de eleger e reprovar.

Primeiro, deve ser observado que Smith cita favoravelmente G. C. Berkouwer, que declarou que devemos “entender que o problema de sucessão no supra e infra teológico é um problema auto-criado, e, portanto, insolúvel, que não toca na fé essencial da Igreja” (I: 175). Este revisor discorda fortemente, pois, como veremos, “o problema de sucessão no supra e infra teológico” tem a ver com a racionalidade de Deus.

Segundo, em sua discussão desta questão, o Dr. Smith declara que a “grande vantagem” do infralapsarianismo “é que ele está mais perto da ordem histórica dos eventos como eles ocorrem. Isto é, historicamente, a criação foi primeiro, então a queda, e então a distinção foi feita entre homens por Deus” (I: 175). Mas esta ordem é precisamente o porquê o infralapsarianismo deve ser rejeitado e o supralapsarianismo aceito. Uma mente lógica primeiro faz um plano (os decretos) e então executa o plano na ordem reversa dos decretos. Como John Robbins escreveu: “Uma vez que se entende que Deus é racional, que ele sempre age com propósito, o problema da ordem dos decretos é resolvido: A ordem dos decretos é o reverso da ordem da sua execução”.⁸

Morton Smith é um teólogo altamente respeitado – alguém que deseja ardentemente promover o Reino de Deus sobre a Terra. Ele é resolutamente conservador em sua abordagem de assuntos doutrinários. Muito dos dois volumes sob discussão é útil, e o presente revisor tem se beneficiado deles. Todavia, há erros, alguns muito sérios, que foram abordados nesta revisão. O problema principal é o irracionalismo. Cada questão considerada nesta discussão, de uma forma ou de outra, tem a ver com a necessidade de uma teologia racional. Não há maior ameaça pairando sobre a igreja de hoje do que aquela do irracionalismo. A Bíblia nos ensina que Jesus Cristo é a Lógica de Deus; ele é a Sabedoria e Razão de Deus encarnada. E se tivermos de fazer teologia de uma maneira que lhe agrade, devemos abraçar as idéias da Escritura de clareza, tanto em nosso pensamento como em nosso discurso. Somente então seremos capazes de demolir argumentos e toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus, e trazer todo pensamento cativo à obediência de Cristo.

⁸ “Social Action and Evangelical Order”, *The Trinity Review* (Janeiro-Feveiro, 1982).